

Bomba-relógio da Covid-19 ameaça índios

Povos podem ser exterminados caso a doença se espalhe por aldeias
Sonia Guajajara , Angela Kaxuyana e Beto Marubo

Na próxima segunda-feira, o Supremo Tribunal Federal (STF) vai julgar a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) que a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) protocolou contra o governo federal. Estamos à mercê do novo coronavírus, e o texto pode ser resumido em uma frase: não nos deixem morrer. É bem provável que boa parte da nobreza europeia do século XVI não soubesse que, além do pau-brasil, o sangue indígena também tingia de vermelho suas roupas; acreditamos que hoje muita gente igualmente não conheça o que se passa longe de seus olhos. Mesmo que a voz dos povos tradicionais tenha ganhado volume nos últimos anos e conquistado todos os corações e mentes que vem alcançando — simplesmente porque nossa causa é justa e de interesse de todos —, ainda é necessário reafirmar que se trata, literalmente, de uma questão de vida ou morte. E não somente de indivíduos, mas de povos inteiros, com culturas próprias, únicas.

Sentimo-nos atados a uma bomba-relógio. O ministro Luís Roberto Barroso acolheu e se tornou relator de nossa APDF em 8 de julho, quando também determinou que o Executivo tomasse imediatamente cinco medidas para nos proteger. Naquele dia, o relatório “Covid-19 e Povos Indígenas”, da Apib, registrava 455 mortos e 12.777 infectados; em 29 de julho, os números já haviam pulado para 592 e 20.444. Nestes 21 dias tivemos apenas duas reuniões com representantes do Executivo – e o fato de Barroso ter indicado a necessidade de um observador externo para acompanhar a segunda diz muito sobre o que aconteceu na primeira –, nenhuma medida concreta foi tomada, 137 de nós morreram, 7.667 caíram doentes, e hoje há 143 povos atingidos, mais da metade do total.

Nossa maior preocupação, no momento, são os grupos isolados e os de recente contato. As estatísticas vêm mostrando que nós, indígenas, já estamos em situação mais vulnerável em relação ao novo coronavírus. Mas por não terem memória imunológica para resistir sequer a uma simples gripe, devido ao seu isolamento, esses povos estão especialmente indefesos e podem ser exterminados caso a doença se espalhe por suas aldeias. Temos feito a nossa parte, cumprindo as regras do distanciamento social — que conhecemos tão bem, pois enfrentamos epidemias estrangeiras há mais de 500 anos. Mas invasores continuam tomando nossas terras, levando a pandemia até elas.

Barroso deu um prazo de dez dias para que fosse elaborado um plano para instalação de barreiras sanitárias em terras indígenas; passados dez dias depois de este prazo se esgotar, foi registrado o primeiro caso de Covid-19 em um indígena kanamari. Ele mora numa aldeia na Terra Indígena Vale do Javari, que fica a apenas 15 quilômetros de onde vive um grupo não contactado. Este território concentra o maior número de povos isolados do mundo. Passados quatro meses desde que os primeiros indígenas foram infectados na Amazônia, o governo não apresentou nenhum plano objetivo dirigido à região e a esses grupos especialmente indefesos. Nós, indígenas, conquistamos os direitos à cidadania plena e às nossas terras ancestrais somente com a promulgação da

Constituição de 1988. Já o direito à vida é originário em todo ser humano e transcende o tempo.

Sonia Guajajara é coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, Angela Kaxuyana é coordenadora tesoureira da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e Beto Marubo é membro da Coordenação da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari

Publicado originalmente em O Globo. 02/08/2020.

Link: <https://oglobo.globo.com/opiniaio/bomba-relogio-da-covid-19-ameaca-indios-24561044>